

# O Livro Oculto do Adventismo

## Uma Breve História dos Livros Apócrifos

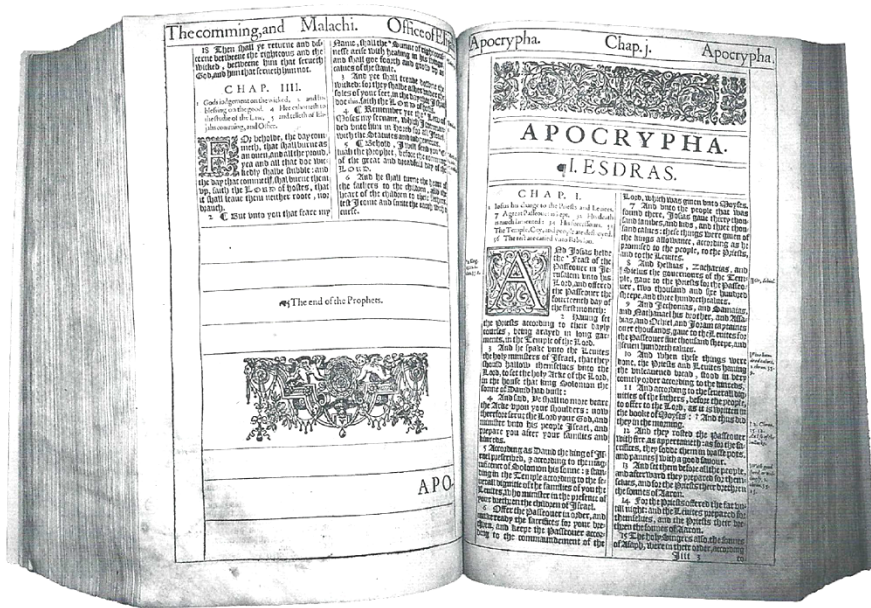
Por Matthew Korpman

Publicado pela *Spectrum Magazine*, vol. 46/1 (2018). Tradução de André Reis, PhD

Muitos estão cientes do fato que os primeiros cristãos, durante períodos de perseguição, usavam linguagem de código e símbolos para se identificarem uns para os outros. Por exemplo, um cristão desenhava a parte de um peixe com o pé e, se o outro completava o símbolo, os dois sabiam que eram da mesma fé. No entanto, quantos adventista do sétimo dia estão cientes de que alguns adventistas tinham seus próprios códigos secretos? Além disso, quantos entendem que a maneira de identificar quem era adventista naqueles dias era completar uma citação da Bíblia, mas uma que não está mais incluído nas Bíblias adventistas hoje?

De acordo com um relato de J. N. Loughborough, nos primeiros dias do adventismo, quando ele estava viajando com um certo irmão Cornell, seu companheiro viu um homem e exclamou: “Vou fazer a esse homem a pergunta que os Apócrifos do Antigo Testamento afirmam serão feitas ao povo.”<sup>1</sup> A pergunta mencionada era uma citação da obra apócrifa de 2 Esdras (5:11) e, de acordo com Loughborough, o estranho respondeu com a resposta predita em Esdras, confirmando que os dois eram crentes no advento. Este história estranha ilustra quão importantes os livros dos Apócrifos, uma coleção de sete obras e material adicional incluído no meio da Bíblia King James, eram para os primeiros adventistas.

Em nada menos que trinta ocasiões, os adventistas (incluindo alguns como Tiago White e J. N. Andrews), entre os anos de 1845 e 1912, adotaram a crença explícita ou, no mínimo, a possibilidade de que o livro apócrifo de 2 Esdras era inspirado (para não falar das outras obras incluídas nessa coleção). Missionários adventistas como D. T. Bordeau, que viajaram pela Itália, viram os surtos de doenças no exterior como cumprimentos das profecias de Esdras e viram essas profecias em Esdras como vinculadas aos testemunhos de Ellen White sobre a fé adventista.<sup>2</sup> Bíblias de estudo que continham os Apócrifos eram dadas aos adventistas nas reuniões de acampamento. Pioneiros adventistas como J. H. Waggoner explicariam a interpretação profética das visões contidas em 2 Esdras nas páginas dos primeiros periódicos adventistas. No entanto, no início da década de 1920, quase toda a memória desse assunto desapareceu da lembrança adventista e uma nova aliança com as formas crescentes de fundamentalismo e evangelismo enterrou o que pudesse ressurgir novamente. Pode-se pensar que explorar o que constitui a escritura canônica para o adventismo teria recebido mais atenção, mas foi escrito por apenas dois estudiosos adventistas. Na década de 1980, Ronald Graybill foi o primeiro estudioso a publicar uma revisão histórica do adventismo e sua relação com os escritos Apócrifos.<sup>3</sup> Em 2002, Dennis Fortin escreveu sobre o uso que Ellen White usou dos Apócrifos para a *Adventist Review*.<sup>4</sup> Com a recente digitalização dos periódicos da denominação,<sup>5</sup> jornais e publicações populares do século XIX, agora é possível explorar mais facilmente o desenvolvimento e o desaparecimento dos livros Apócrifos nos movimentos milerita e adventista. Este artigo irá expandir o trabalho realizado por Graybill.



Bíblia King James com os Apócrifos em 1611

### 1842–1849: A Campanha Milerita

A história do relacionamento do adventismo com os escritos Apócrifos começou muito antes de qualquer denominação se formar com o nome Adventista, começando em suas primeiras raízes mileritas. A primeira promulgação dos Apócrifos parece ter começado em 1842, quando Thomas F. Barry, um conferencista milerita de New Hampshire, promoveu a idéia de que 2 Esdras<sup>6</sup> continha uma profecia em seus décimos primeiro e segundo capítulos que confirmavam os argumentos de William Miller sobre o retorno de Cristo no próximo ano. Naquela profecia judaica antiga—supostamente escrita por Esdras—Barry argumentou que os presidentes finais dos Estados Unidos foram preditos nas imagens da águia gigante da visão subindo do mar.

Ele compartilhou seus pontos de vista com outros mileritas, atraindo a atenção de certos jornais que zombavam da idéia. “A loucura não pode mais continuar”, escreveu um deles, observando com desdém que “os mileritas estão todos os dias descobrindo algum novo mistério.”<sup>8</sup> Sabe-se que Barry continuou a espalhar suas idéias até 1843.<sup>9</sup> No entanto, enquanto a interpretação de Barry não venceu imediatamente a todos os mileritas, alguns ministros tomaram nota. Um jornal, antes desconhecido pelos historiadores adventistas, relata que alguns pregadores mileritas começaram a espalhar a premissa básica de Barry ao lado dos argumentos e gráficos de Guilherme Miller, propondo que, embora “os livros de Esdras fossem

chamados Apócrifos ... eles eram tão bons quanto qualquer outro livro em toda a Bíblia.<sup>10</sup>

Dois desses ministros, E. R. Pinney e O. R. Fassett, viam o livro como escritura autenticamente inspirada e apresentaram sobre o assunto no importante ano de 1844, em Nova York, e tiveram boa recepção por seus colegas mileritas. Um dos mais impressionados foi Joseph Marsh, editor do jornal local milerita, *The Voice of Truth*, que publicou seus pontos de vista para um público maior. A resposta aos artigos revelou que muitos mileritas estavam abertos a aceitar mais livros como inspirados, mesmo que nem todos concordassem com a interpretação proposta por Barry e outros.

Mais notavelmente, profetas mileritas como William Foy surgiram nessa época reivindicando visões de Deus. É notável que grande parte do conteúdo das duas primeiras visões de Foy, como registrado em seu panfleto publicado, parece derivar da obra apócrifa de 2 Esdras (embora ele não tenha dado crédito). Foy não apenas utilizou 2 Esdras como recurso, mas descreveu a mesma visão que o trabalho pseudo-digital. Ao fazê-lo, ele confirmou implicitamente sua inspiração.<sup>11</sup>

Depois do Grande Desapontamento passou e a interpretação de Pinney e Fassett falhou em abril de 1845, em vez de desistir da ideia de inspiração desse livro, outros mileritas propuseram novas interpretações, como D. B. Gibbs, que propôs que a profecia falava da fundação da América, não de seu fim. É importante notar que, durante todo esse período caótico (e mesmo antes), a jovem Ellen Harmon estava ciente de todos esses desenvolvimentos. Ela não apenas foi pessoalmente exposta às representações de Foy das visões de 2 Esdras (e mais tarde apreciou sua publicação), mas também passou a ter visões semelhantes, ecoando o mesmo capítulo em Esdras. Publicada em *The Day Star*, sua primeira visão, como a de Foy, embora não mencionasse explicitamente o livro apócrifo, no entanto, deu validade ao aparentemente confirmar sua autenticidade através da visão.

Quando republicada em um panfleto de Tiago White intitulado *A Word to the Little Flock (Uma Palavra ao Pequeno Rebanho)*, foram fornecidas notas de rodapé “bíblicas” para sua visão, nas quais seis das oito ou mais referências a 2 Esdras foram anotadas, juntamente com uma citação que ela usara de uma obra apócrifa diferente, a saber, Sabedoria de Salomão. A essa altura, o remanescente milerita parece ter se tornado cada vez mais aberto à ideia de uma compreensão maior do cânon. Por exemplo, no mesmo panfleto que reimprime as visões, os artigos de Tiago White e José Bates utilizam as obras apócrifas como iguais a outras escrituras canônicas. Bates, como outros, tinha sido um ávido leitor da publicação *Voice of Truth* e certamente leu o argumento de Pinney e Fassett sobre a validade de 2 Esdras. Ele foi um defensor vocal de sua inspiração. Em 1849, por exemplo, White afirmou especificamente que 2 Esdras tem “verdades muito importantes para aqueles que guardam as leis e mandamentos de Deus.” Ele observou que a obra “provavelmente não beneficiaria outros.”<sup>12</sup>

No final de 1849, os primeiros adventistas estavam se aproximando de abraçar um cânon novo e ampliado que aceitava todos os livros incluídos em suas Bíblias. Um relatório de vários crentes no Maine registrou que a recém-casada Ellen White percebeu sobrenaturalmente que a Bíblia de sua família estava faltando os Apócrifos, levando a jovem visionária a iniciar uma discussão prolongada sobre o assunto (cujos detalhes infelizmente não foram registrados). Da mesma forma, uma visão inédita da Sra. White finalmente foi publicada em 2014, a qual, não é de admirar, ficou sem muita publicidade.<sup>13</sup> Na transcrição registrada por testemunhas oculares e amigos, a Sra. White foi descrita como portadora de uma Bíblia na mão, declarando que todos os escritos Apócrifos, e não apenas um ou poucos, eram “tua palavra” ou “a Palavra de Deus.” Ela também declara que tentativas recentes em sua época de remover da Bíblia o “livro oculto”, que ela chamava de “remanescente”, estava sendo feita por pessoas “levadas em cativeiro por Satanás.”<sup>14</sup> Ela implorou aos primeiros adventistas ao seu redor, no que diz respeito aos Apócrifos, “atem-nos ao coração” e “não fechem suas páginas”, implorando “leiam-nos com atenção.”

## **...dez mil dólares são necessários para publicar um novo hinário, a segunda edição do *Spiritual Gifts* de [Ellen White], [e] uma edição dos Apócrifos...**

Tiago White

### **1850–1879: Crescente Popularidade**

No início de 1850, a Sra. White fez um esforço para anotar seus pontos de vista da visão anterior, observando que: “Vi que os Apócrifos eram o livro oculto e que os sábios desses últimos dias deveriam entendê-lo.”<sup>15</sup> Quando as primeiras publicações adventistas sabbatistas começaram a ser disseminadas, citações de livros Apócrifos começaram a ocorrer em suas páginas.<sup>16</sup> No entanto, após um início tão auspicioso, grande parte da década viu pouca discussão pública até que um editorial fascinante foi publicado nas páginas da *Review and Herald* em 1858. Nesse trabalho, os editores, incluindo Tiago White e Urias Smith, publicamente endossaram os Apócrifos como “contendo muita luz e instrução.” Eles promoveram, em ordem, os livros de 2 Esdras, Sabedoria de Salomão e 1 Macabeus como os três mais valiosos para os adventistas. Embora observando quais conselhos da igreja haviam canonizado os trabalhos, os editores notaram que “a questão da inspiração desses livros [como um todo] ... nunca fizemos um assunto de estudo específico e, portanto, não estamos preparados para discutir.”<sup>17</sup>

A década de 1860 viu um crescimento significativo na popularidade dos livros Apócrifos. A *Review*, após a Guerra Civil, publicou um artigo no qual se observou que “muitos interpretam uma passagem” de 2 Esdras como tendo o peso da inspiração de um estudo bíblico sobre o fim.<sup>18</sup> Em novembro de 1863, Joseph Clarke advertiu os adventistas, dizendo-lhes “voltemos ao testemunho de Esdras, que escreveu séculos antes da era cristã.”<sup>19</sup> Outros artigos também afirmaram a autenticidade de diferentes livros Apócrifos.<sup>20</sup>

O mais notável dentre estes foi um artigo publicado por J. H. Waggoner, no qual ele argumentou longamente a respeito da interpretação da famosa visão em 2 Esdras 11.<sup>21</sup> Aparentemente, alguns passaram a entender a águia como um símbolo dos Estados Unidos e suas duas cabeças, o norte e o sul. Waggoner argumentou que a águia era Roma, “especialmente Roma Papal.” Ele concluiu que “um entendimento correto deste assunto é mais importante neste momento, pois a visão acima mencionada serve para sustentar outro erro, a saber, que a dissolução da União [Americana] será o desenvolvimento dos chifres do animal de dois chifres.” Para Waggoner, a inspiração do livro não estava em questão; sua única preocupação era se os adventistas a interpretavam corretamente.

Em 1869, a relação do adventismo com os Apócrifos alcançou um novo nível quando Tiago White escreveu na edição de fevereiro da *Review* que “A Associação provavelmente emitirá uma edição dos Apócrifos com referências em breve, a qual, se encadernada, pode ser vendida por cerca de setenta quase cinco centavos cada.”<sup>22</sup> Quase vinte anos após a visão de Ellen White sobre os Apócrifos, seu marido anunciou à recém-fundada Igreja Adventista do Sétimo Dia que haveria uma publicação oficial dos livros Apócrifos por adventistas para adventistas. A motivação por trás disso essa decisão foi sem dúvida o fato de que as novas Bíblias impressas desde 1826 estavam começando a excluir os Apócrifos, dificultando sua aquisição por adventista. Os Apócrifos, como Tiago White idealizou, se tornaria uma especialidade para colportores.

O sonho de Tiago White logo encontraria significativos obstáculos. No mês seguinte, em março do mesmo ano, ele escreveu uma forte repreensão a alguns assinantes da *Review*, a quem chamou de “Inadimplentes”, porque eles não estavam pagando sua assinatura “antecipadamente” e, às vezes, estavam atrasados de dois a três anos. Ele alertou esses leitores que Deus os chamaria “de responder a respeito disso.” Quanto ao motivo pelo qual o dinheiro era

tão necessário, White esclareceu que não era apenas para a manutenção do jornal em si, mas que se havia alguma dúvida sobre o quanto Tiago White valorizava o projeto da edição adventista dos Apócrifos, basta notar que ele o classificou ao lado de um dos escritos proféticos de sua esposa. Ele observou com um aviso que, se os “inadimplentes” não pagarem, “este projeto vai ser prejudicado.” Não está claro atualmente se a publicação foi feita e, como tal, pode muito bem ter sido frustrada como Tiago White temia.<sup>23</sup>

Finalmente, perto do final da década, D. M. Canright escreveu um artigo no qual ele sugeria que “embora os livros Apócrifos não sejam comumente considerados inspirados”, alguns pensavam que eram.<sup>24</sup> O próprio Canright parece ter batalhado em favor dos Apócrifos, aparentemente aceitando a possibilidade de que 2 Esdras fosse inspirado, mas depois escreveu artigos instando os adventistas a rejeitarem o resto. Tais pontos de vista, no entanto, não parecem ter sido amplamente compartilhados entre os adventistas naquele momento. Evidência disso pode ser vista em maio de 1871, quando J. N. Andrews escreveu uma curta homilia sobre Tobias 4:8–9, exaltando suas mensagens positivas sobre caridade.<sup>25</sup>

Como observado anteriormente, em agosto do mesmo ano, D. M. Canright escreveu um artigo para a *Review* no qual chamou a atenção para 2 Esdras, especificamente seu segundo capítulo, escrevendo que “parece-me dar uma boa evidência de sua inspiração.”<sup>26</sup> Repetidamente, encontramos adventistas do sétimo dia mantendo a mente aberta sobre os Apócrifos, se não afirmando abertamente que partes dele como 2 Esdras eram inspiradas. Esse espírito de mente aberta também coincide com o anúncio público de que Ellen White estava lendo o livros Apócrifos do Novo Testamento, incluindo, mas aparentemente não se limitando, ao Evangelho da Infância de Tomas.<sup>27</sup>

### 1880–1899: Crescente Dissensão

A década de 1880 viu uma popularidade contínua, mas também uma crescente dissensão pública sobre o tema da inspiração desses livros Apócrifos. Ilustrando o interesse contínuo, indivíduos como J. N. Loughborough relataram que “muitas pessoas me pediram para obter uma edição de bolso dos Apócrifos” e ele orgulhosamente relata que encontrou “uma boa, de Londres”, que oferecia por \$1,00 cada para os adventistas que quisessem.<sup>28</sup> Da mesma forma, em setembro de 1881, o *Signs of the Times* anunciou uma série de novas Bíblias para a família a serem fornecidas na próxima reunião campal que incluiria os livros Apócrifos e “outras ajudas, especialmente selecionadas por W. C. White.”<sup>29</sup> Constata-se que nos níveis mais altos da liderança adventista do sétimo dia não houve hesitação na promoção dos Apócrifos entre os adventistas.

Muitos adventistas continuaram a defender sua inspiração. D. T. Borden, enquanto servia como missionário na Itália, observou na *Review* que as profecias de 2 Esdras estavam se cumprindo. Outro escritor observou que a Sabedoria de Salomão era “evidência que o testemunho dos Apócrifos é verdadeiro.”<sup>30</sup> Outros adventistas também argumentaram que os capítulos adicionais de Daniel incluídos na coleção dos Apócrifos estavam “também em perfeita harmonia com o restante do trabalho canônico.”<sup>31</sup>

No entanto, nem todos os adventistas tinham certeza disso. Um artigo da *Review* apareceu em 1881, intitulado “Por que rejeitamos os Apócrifos”<sup>32</sup> e da mesma forma, mais tarde em 1887, G. W. Morse respondeu à questão da inspiração dos Apócrifos com um breve “não.”<sup>33</sup> Em novembro, a revista *The Bible Echo and Signs of the Times* republicou um artigo da revista *London Spectator* no qual o autor observa (com exuberância): “.. não podemos deixar de admitir que para leitores comuns, em meio à pressa e pressão das condições modernas da vida, a Bíblia colocada em suas mãos para uso familiar está livre do elemento oneroso dos Apócrifos.”<sup>34</sup> Embora essa dissensão fosse claramente pequena, ela era vocal e crescente.

A década de 1890 viu um ataque constante de hostilidade de uma nova onda de adventistas que queriam se divorciar de sua antiga herança apócrifa. Apareceram artigos que captavam e repetiam os ataques protestantes comuns contra essas obras, como um artigo que ridicularizava livros como 2

## **Ellen White implorou aos primeiros adventistas, no que diz respeito aos Apócrifos: “Atem-nos ao coração” e “não fechem suas páginas”, implorando para que “leiam-nos com atenção.”**

Macabeus por ensinar idéias anti-protestantes. Outro escritor, R. S. Weber, montou um ataque concentrado aos livros, observando que “muitas vezes se pergunta se esses livros são inspirados”, concluindo: “eu respondo: não; eles não fazem parte da palavra de Deus.” Mais tarde, ele relatou seus ensinamentos como sendo semelhantes aos dos “papistas.”<sup>35</sup>

### 1900–1909: O Retorno dos Apócrifos

Quando Ronald Graybill escreveu seu inovador artigo sobre o assunto, ele propôs que, devido às evidências das duas décadas anteriores, os Apócrifos perderam sua força por volta de 1888. Embora seja fácil ver como isso pode parecer correto, a verdade é que a opinião adventista mudou como uma onda. Assim que esses livros desapareceram, alguns adventistas começaram a promovê-los novamente. Um exemplo notável desse fenômeno é a presença de um jogo “Word Square”, que exigia o conhecimento de 1 Esdras para ser concluído com sucesso.<sup>36</sup> Pode-se encontrar nas páginas do *The Youth's Instructor*, publicado em outubro de 1901, uma citação do livro de 2 Esdras em uma discussão da semana da criação. Isso, no entanto, diferentemente de muitos outros exemplos semelhantes, é seguido pela breve declaração: “Quanto à inspiração do exposto, é claro que não podemos dizer.”<sup>37</sup> Outros adventistas, no entanto, foram menos indiretos em sua crença em sua inspiração.

Na edição de dezembro de 1904 da *Bible Training School* (Escola de Treinamento da Bíblia), seguindo uma citação de John Calvin, os escritores afirmam que: “O testemunho dos escritores bíblicos é igualmente conclusivo.” Isto é imediatamente seguido por citações de 2 Macabeus, 2 Esdras, Salmos e Hebreus. A palavra “Apócrifos” não é mencionada uma vez e nenhuma distinção é feita entre os livros.<sup>38</sup> Da mesma forma, em 1904, os editores do *Signs of the Times* responderam à pergunta de um leitor sobre onde ele poderia comprar uma edição dos Apócrifos, informando-o de que eles próprios teriam o prazer de fornecê-la.<sup>39</sup>

Esse renascimento renovado dos livros Apócrifos persistiu. Em 1906, no “Question Corner” (Seção de Perguntas) da edição de 18 de abril do *Signs of the Times*, em resposta a uma pergunta sobre os livros, o escritor anônimo observa que “2 Esdras por alguns é considerado um livro inspirado.”<sup>40</sup> Outro adventista, um certo J. M. P., escreveu ao *Signs of the Times* perguntando se eles poderiam “me dizer por que os Livros de Esdras foram rejeitados pelo Cânon?” Ele observa que “parece haver uma profecia notável a respeito dos últimos dias no livro de Segundo Esdras.” Em vez de rejeitar os livros por serem espúrios ou fictícios, o editor anônimo responde que “alguns estudiosos os consideraram canônicos” e acrescenta ainda que “existem aqueles que acreditam que (2 Esdras) são profecias dos últimos dias.”<sup>41</sup>

Esse mesmo pensamento apareceu no ano seguinte em outra edição do *Signs*, quando os editores respondem novamente a uma pergunta de um leitor, em parte respondendo: “alguns deles contêm a mais excelente leitura moral” e acrescentando que “um ou dois deles podem ser livros inspirados, mas de forma geral, não são assim considerados.”<sup>42</sup> Essa atitude em relação aos Apócrifos também pode ser evidenciada por seu uso geral como se fossem escritura inspirada.

### 1910–1919: O Fim dos Apócrifos

Em junho de 1910, os editores da revista adventista *The Bible Echo* e *Signs of the Times* responderam a uma pergunta sobre a inspiração dos Apócrifos, afirmando que “é possível, é claro, que algumas partes dos Apócrifos sejam verdadeiras escrituras, mas os Apócrifos como um todo não são considerados e não parecem ser escritos como Escritura inspirada, mas como exortações úteis aos filhos de Deus.”<sup>43</sup> Em contraste direto com a afirmação anterior, no entanto, apenas um mês depois, os editores da mesma publicação responderam novamente a uma pergunta semelhante, escrevendo que “há boas razões para rejeitá-los.”<sup>44</sup> Esse mesmo sentimento negativo foi repetido pela mesma publicação no ano seguinte, mas com uma diferença notável.

Na edição de setembro de 1911 da *Signs*, os editores receberam uma pergunta de um adventista que reclamou que ele não conseguia encontrar “o livro de Esdras” em sua Bíblia. Parece que ele estava fazendo referência a um panfleto adventista que havia citado 2 Esdras. Os editores responderam que “todos os protestantes os consideraram livros não-canônicos, embora alguns [adventistas] acreditassem que 2 Esdras era de maior autoridade que o primeiro.”<sup>45</sup> Ele admite, em essência, que os adventistas têm e continuam aceitar 2 Esdras, apesar de seu desprezo pessoal pelas obras. Mais tarde, em 1913, os editores do *Signs* responderiam a uma pergunta semelhante, desta vez respondendo que “alguns criam que 2 Esdras era inspirado.”<sup>46</sup>

Vários escritores da época continuaram citando passagens dos Apócrifos como se fossem inspirados e normativos. É de grande interesse que, no final de 1914, tenha havido uma espécie de renascimento de 2 Esdras. Uma nova interpretação adventista (a sexta que se sabe existir) viu a famosa visão da águia retratando o conflito da Inglaterra e da Alemanha no início da Primeira Guerra Mundial.<sup>47</sup> Contudo, não parece haver nenhuma evidência de que esse “avivamento” da profecia conseguiu ganhar força.

Após a morte de Ellen White em 1915, as referências a 2 Esdras nas publicações adventistas parecem ter desaparecido também. Os livros Apócrifos eram consistentemente vistos com desprezo e todas as perguntas enviadas às publicações sobre eles quase sempre eram recebidas com uma variedade de opiniões depreciativas. Vale ressaltar, no entanto, que havia exceções mesmo durante esse período. Talvez a mais curiosa delas tenha sido publicada em setembro de 1918 no *The Youth's Instructor*. Ao esboçar suas sugestões para as aulas de Bíblia, uma professora recomendou que os instrutores adventistas da sexta série “guardassem uma cópia dos Apócrifos e lessem parte dela para a classe.”<sup>48</sup> Essa foi a última sugestão desse tipo antes que os livros Apócrifos fossem relegados à obscuridade para novas gerações.

## Conclusão

Embora mais poderia ser dito sobre essa transição (especialmente na década de 1920), bem como sobre a tendência dos porta-vozes oficiais da igreja de negar qualquer conexão histórica entre os Apócrifos e o adventismo, este artigo ilustra o seguinte ponto: o adventismo inicial não pode ser entendido ou avaliado adequadamente a menos que os Apócrifos recebam sua devida atenção como fonte de pensamento e autoridade das escrituras para os pioneiros. O recente lançamento do endosso visionário anteriormente desconhecido de Ellen White aos livros Apócrifos sublinha sua importância tanto para a pesquisa histórica quanto para o pensamento teológico atual. Este artigo não explorou de que forma os Apócrifos moldaram a teologia adventista pioneira (embora certamente haja evidências disso), mas simplesmente procurou demonstrar que os livros Apócrifos certamente estavam em posição de moldá-la de forma significativa, ficando abaixo apenas da influência de Ellen White. É necessário mais estudo sobre esse aspecto da história adventista e espero que os estudiosos de nossa igreja, e outros, não a negligenciem mais.

**Matthew J. Korpman** é um estudioso bíblico e autor do novo livro *Saying No to God: A Radical Approach to Reading the Bible Faithfully* (2019, Quoir: Dizendo “NÃO” a Deus: Uma Abordagem Radical Rara Ler a Bíblia Fielmente). Ele se formou na Yale Divinity School e também na Universidade La Sierra, onde recebeu quatro diplomas em

Religião, Arqueologia, Filosofia e Cinema. Atualmente, ele está fazendo doutorado em Estudos Bíblicos.

## Referências

1. J. N. Loughborough, “The Church Sketches of the Past - No. 88,” *Pacific Union Recorder* 9 24 (1909): 1.
2. D. T. Bourdeau, “Switzerland: Notes by the Way,” *Review and Herald* 61, no. 40 (1884): 635. “Os jornais franceses dizem que esse tipo de cólera era desconhecido na França até trinta anos atrás. Não é esse um dos ‘juízos retributivos’ com os quais Deus está visitando a terra? Nós acreditamos que sim.” (See 2 Esdras 16: 19, 20; veja também *Testemunhos recentes*.)
3. Ron Graybill, “Under the Triple Eagle: Early Adventist Use of the Apocrypha,” *Adventist Heritage* 12 (Winter 1987): 25-32.
4. Denis Fortin, “Sixty-six Books or Eighty-one? Did El len White Recommend the Apocrypha?” *Adventist Review* (2002): 8-13.
5. Um muito obrigado é devido a Bert Halovick por seus esforços em tornar essa realidade possível para todos os historiadores adventistas. Ele ajudou a abrir um novo mundo de possibilidades para a pesquisa adventista.
6. 2 Esdras também é conhecido nos círculos acadêmicos como 4 Esdras. Na Bíblia King James, ele aparece como o título anterior e, como era conhecido no início da história adventista, a designação mais antiga é mantida para os fins deste artigo.
7. A obra de 2 Esdras I 4 Esdras também é classificada como pseudopigráfica (escritas falsamente atribuídas) devido ao fato de que embora reivindique a autoria de Esdras, na verdade foi realmente escrito por um judeu anônimo que viveu depois que os romanos destruíram Jerusalém. Os primeiros mileritas e adventistas estavam cientes dessa conclusão “acadêmica”, mas descartaram esses argumentos da mesma maneira que os adventistas modernos rejeitam as opiniões acadêmicas atuais sobre a autoria de outros livros da Bíblia. Quando alguém deseja acreditar em algo, normalmente o faz independentemente da academia.
8. New York Plebeian, *The North Carolina Standard* 9:449 (June 7, 1843): 2.
9. *Ibid.*
10. Crazy Sam, “From the Asylum Journal,” *Vermont Phoenix* 9, no. 12 (November 18, 1842): 3.
11. As visões de William Foy, impressas como *Christian Experience*, mostram dependência literária e factual direta de 2 Esdras 2:42-48 (KJV). Uma análise mais profunda dessa correlação é fornecida em uma tese que estou escrevendo como parte dos meus estudos universitários.
12. José Bates, *A Seal of the Living God* (New Bedford, Massachusetts: Benjamin Lindsey, 1849), 66.
13. Ellen White, “Remarks in Vision,” *Manuscript* 5, 1849. No lançamento publicado, Karlman observou que “desde que ... Ellen White nunca escreveu um relato dessa visão, nosso entendimento dela permanece parcial.” Talvez com uma boa dose de humor, ele escreveu que, com relação a esse material anteriormente escondido e não reconhecido “houve pouco comentário publicado sobre ele.” Roland Karlman, Ellen G. White, *Letters and Manuscripts*, vol. 1 (Maryland: *Review and Herald*, 2014), 181, 183.
14. As referências da Sra. White provavelmente são direcionadas à decisão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que, em 1826, decidiu parar de financiar a criação de Bíblias com os Apócrifos incluídos, uma decisão que, em última análise, significava que as novas Bíblias careciam em grande parte da seção não-canônica e, finalmente, levou ao desaparecimento da maioria das Bíblias no final da década de 1870.
15. Ellen White, “A Copy of E. G. White’s Vision, Which She Had at Oswego, N. Y., January 26, 1850,” *Manuscript* 4, 1850.
16. See José Bates, “Dreams,” *Review and Herald* 1, no. 9 (1851): 70-71. Há dois exemplos de Sirach sendo citado ao lado de Jeremias como igualmente normativo. See also Editors, *Review and Herald* 11 no. 15 (1858): 121.
17. Editors, “To Correspondents: Old Style and New,” *Review and Herald* 12, no. 12 (1858): 96. O comentário é estranho, considerando a advertência anterior de Ellen White sobre sua inspiração. Aprove-me a adivinhar que a hesitação da *Review* em relação a essa questão reflete sua tendência no início do movimento de não utilizar a Sra. White para derivar posições doutrinárias.
18. Editors, “The Tree of Life,” *Review and Herald* 15, no. 18 (1860): 140.
19. [Joseph] Clarke, “Self,” *Review and Herald* 22, no. 24 (1863): 187. Este adventista, assim como Tiago White e José Bates, afirma que o testemunho de Esdras é confiável (e autêntico). Mais tarde, em 1878, ele escreveria um artigo para a *Review* no qual citaria o trabalho com autoridade como “diz Esdras.” “Overcoming,” *Review and Herald* 51, no. 22 (1878) 170.
20. Veja o artigo reimpresso na *Review*, retirado do livro *American Antiquities*, no qual se afirma que a Sabedoria de Salomão foi realmente escrita pelo rei Salomão. Wm. C. Gage, “Gleanings,” *Review and Herald* 26, no. 25 (1865): 197.
21. J. H. Waggoner, “The Eagle of 2 Esdras XI,” *Review and Herald* 18, no. 23 (1861): 183.
22. Tiago White, *Review and Herald* 33, no. 6 (1869): 48.
23. Parece-me que seria uma ótima idéia se a visão de Tiago White pudesse eventualmente ser realizada e uma edição adventista desta literatura (com comentários) pudesse eventualmente ser publicada por alguns dos eminentes estudiosos de nossa igreja, dos quais alguns são especialistas neles. Tão recentemente quanto no ano passado, foram feitas tentativas para iniciar esse projeto, mas foram finalmente rejeitadas.
24. D. M. Canright, “Nature of Man and Punishment of the Wicked, As Taught in the Apocrypha,” *Review and Herald* 34, no. 5 (1869): 33.
25. J. N. Andrews, “Excellent Advice Concerning Giving,” *Review and Herald* 37, no. 20 (1871): 156.
26. D. M. Canright, “2 Esdras 2,” *Review and Herald* 38 no. 8 (1871): 58.
27. Ellen White, “Life of Christ - No. 2,” *The Youth's Instructor* 20, no. 4 (1872): 29.
28. J. N. Loughborough, “Note for Review,” *Review and Herald* 57, no. 10 (1881): 160.
29. [M. C. Israel], “Family Bibles,” *Signs of the Times* 7, no. 36 (1881): 432.
30. R. F. C., “Nature and Destiny of Man. - No. 2,” *Review and Herald* 56, no. 23 (1880): 361.
31. J. M. Buckley and D.D., “Daniel Adown the Centuries,” *Signs of the Times* 12, no. 16 (1886): 245.
32. H. A. St. John, “Synopsis - No. 1 O: Why We Reject the Apocrypha,” *Review and Herald* 58, no. 3 (1881): 41.
33. G. W. Morse, “Scripture Questions,” *Review and Herald* 64, no. 25 (1887): 394. Em 1888, o mesmo autor, quando confrontado com uma pergunta semelhante, respondeu citando outro livro que, em parte, dizia: “... uma criança pode perceber a diferença entre eles e as sagradas escrituras.” “Scripture Questions,” *Review and Herald* 65, no. 7 (1888): 105.
34. Editors, “The Apocrypha,” *Bible Echo and Signs of the Times* 3, no. 11 (1888): 171, como está no *London Spectator*.
35. R. S. Webber, “The Apocryphal Books,” *Review and Herald* 71, no. 30 (1894) 466.
36. Anon., “Word Square,” *Signs of the Times* 32, no. 23 (1906): 351.
37. O. C. Godsmark, “Easy Lessons in Bible Astronomy. Chapter 5: Our Earth Before the Flood,” *The Youth's Instructor* 49, no. 39 (October 3, 1901) 306.
38. Anon., “The First Verse in the Bible,” *Bible Training School* 3, no. 7 (1904): 107-08.
39. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 30, no. 22 (1904): 343
40. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 32, no. 16 (1906): 245
41. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 32, no. 39 (1906): 589
42. Editors, “With Our Inquirers,” *Signs of the Times* 33, no. 38 (1907) 594.
43. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 37, no. 23 (1910): 354
44. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 37, no. 29 (1910): 450
45. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* (1911): 450.
46. Editors, “Question Corner,” *Signs of the Times* 40, no. 26 (1913): 402
47. See references to Manasseh’s Apocryphal prayer, S. N. Haskell, “Josiah and His imes No 1,” *The Bible Instructor* 12, no. 4 (1913): 3-4. Depois de citar 2 Crônicas, onde menciona que Manassés escreveu uma oração. Haskell cita a Oração Apócrifa de Manassés como as autênticas palavras do rei. Além de sua referência a isso, vinda de “Os Apócrifos”, nada levaria um adventista a acreditar que Haskell pensava menos na oração do que em 2 Crônicas. Também para Baruque, veja Editors, “Notes & Comments: Peculiar Superstition,” *Australian Signs of the Times* 31, no. 13 (1916): 193. Baruque 6: 18 é usado como prova das antigas práticas babilônicas.
48. Sarah Rudolph, “Teaching Notes - Grade by Grade,” *Christian Educator* 10, no. 1 (1918): 26.